



Sintomas de estresse e desempenho acadêmico entre graduandos em Odontologia

Palavras-Chave: [exaustão emocional] [estresse] [estudantes de odontologia]

Autoras:

Amanda Ibrahim Toffaneto [FOP-UNICAMP]

Prof^ª. Dr^ª. Karine Laura Cortellazzi (orientador/a) [FOP-UNICAMP]

Prof^ª. Dr^ª. Rosana de Fátima Possobon [FOP-UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

O estresse pode ser definido como sendo uma resposta não específica do organismo, diante de uma situação interpretada como ameaçadora, uma manifestação que ocorre quando condições ambientais excedem a capacidade de adaptação dos processos fisiológicos ou psicológicos, sejam nos campos cognitivo, emocional ou comportamental, colocando os indivíduos em situação de risco para o desenvolvimento de doenças (Cohen et al., 2007).

Assim, ressalta-se que o estresse é um conjunto de respostas de esforço que favorecem sempre a adaptação. Porém, não havendo período suficiente para a recuperação desse esforço psíquico, ou persistindo continuamente os estímulos de ameaça que desencadeiam a reação de estresse, estes recursos para a adaptação acabam por esgotar-se.

Há uma crescente preocupação com o impacto do estresse no desempenho acadêmico e nas habilidades sociais de estudantes do ensino superior, na medida em que estudos internacionais descrevem um aumento da prevalência destes estados nesta população (Hunter e Eisenberg, 2010; Pinder-Amaker, 2012; Regehr et al., 2013). Estudantes do ensino superior enfrentam situações percebidas como altamente desafiadoras, com uma carga excessiva de informação a ser assimilada, pressão por estarem em constante avaliação, preocupações financeiras e mudança em seu estilo de vida. Aos estudantes de cursos da área da saúde, somam-se, ainda, as dificuldades de relacionamento com os pacientes e a necessidade de aquisição de habilidades clínicas (Karaoglu e Eker, 2010; Lunney, 2013; Hutchinson e Goodin, 2013; Teixeira et al., 2014).

A preocupação com o bem-estar mental de estudantes universitários se deve não somente ao aumento da prevalência, mas às consequências do estresse nesse grupo de pessoas. Altos níveis de estresse atrapalham o aprendizado, diminuem a capacidade de aplicar o conhecimento na prática e interferem na observação racional dos fatos (Bland et al., 2012).

De acordo com diversos estudos, o estresse afeta o estado emocional dos estudantes universitários, por provocar sintomas de cansaço, frustração, irritação e ansiedade, alterando a capacidade de raciocínio, concentração, memorização, provocando comportamentos antissociais e prejudicando o processo de aprendizagem. Além disso, altos níveis de estresse impedem que o indivíduo enfrente as dificuldades diárias e gera consequências à saúde, como hiperatividade e depressão, um distúrbio de saúde mental que está positivamente relacionado à diminuição do desempenho acadêmico (Bukhs et al., 2011; Hamaideh, 2011; Silva, 2016; Torquato et al., 2020).

Este estudo contribuirá para a identificação de indivíduos mais vulneráveis e propensos ao estresse, e com esta informação, subsidiar a elaboração de intervenções preventivas, desenvolvidas no âmbito acadêmico, que auxiliem o aluno ter melhor desempenho acadêmico.

OBJETIVO:

O objetivo deste estudo é verificar se há associação do desempenho acadêmico com estresse percebido entre estudantes de graduação em Odontologia da FOP-Unicamp.

METODOLOGIA:

Participaram do estudo 154 graduandos de todos os anos (1º ao 5º ano) do curso de Odontologia da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP-Unicamp), nos anos de 2020 e 2021. A pesquisa foi realizada através de formulário online (*google forms*), no qual o link de acesso foi enviado via *Whatsapp* de cada turma. Aplicou-se o instrumento de estresse, além de questões relacionadas à idade, sexo, período do curso, situação da residência e o número de pessoas que nela residem, grau de instrução do pai e da mãe e renda familiar mensal. O desempenho acadêmico foi mensurado pelo Coeficiente de Rendimento (CR) acadêmico do aluno no curso. Realizou-se análise descritiva dos dados por meio de tabelas de frequência e porcentagem e em seguida análises brutas foram realizadas para testar a associação entre a variável dependente (CR) e as variáveis independentes. Foram estimados os Odds Ratios Brutos e respectivos intervalos de 95% de confiança. Considerou-se nível de significância de 5%.

RESULTADOS:

A média de idade dos entrevistados foi de 21,96 anos, com desvio padrão = 2,09 e a mediana foi de 22 anos.

A tabela 1 mostra o nível de estresse de alunos de graduação da Faculdade de Odontologia de Piracicaba.

Tabela 1. Nível de estresse de alunos de graduação da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (n=154).

Nível de estresse	N	%
Sem estresse (0 a 14 pontos)	02	1,30
Leve (15 a 28 pontos)	62	40,26
Moderado (29 a 42 pontos)	82	53,25
Grave (43 a 56 pontos)	08	5,19
Total	154	100,00

Dos 154 participantes da pesquisa, 40,26% apresentaram um nível de estresse leve e 5,19% um nível de estresse grave, enquanto 53,25% tiveram um nível de estresse moderado, pontuando na escala entre 29 e 42 pontos. Apenas 1,30% pontuaram menos de 15 pontos, não apresentando estresse.

A tabela 2 mostra a associação entre as variáveis independentes e a variável dependente (Coeficiente de Rendimento).

Tabela 2. Análises brutas entre o desempenho acadêmico avaliado pelo Coeficiente de Rendimento dos alunos de graduação da Faculdade de Odontologia de Piracicaba - UNICAMP e demais variáveis analisadas.

Variável	Categoria	N= 154	Coeficiente de Rendimento		OR	IC (95%)	p valor
			≤ 0,81 ^x	> 0,81			
Estresse percebido	Sem estresse/estresse leve	64 (41,56%)	36 (56,25%)	28 (43,75%)	1,54	0,81-2,93	0,2524
	Estresse moderado/grave	90 (58,44%)	41 (45,56%)	49 (54,44%)	ref		
Idade	≤ 22 anos*	98 (63,64%)	42 (42,86%)	56 (57,14%)	ref		
	> 22 anos	56 (36,36%)	35 (62,50%)	21 (37,50%)	2,22	1,13-4,35	0,0294
Grau de instrução da mãe	Sem ensino superior	63 (40,91%)	32 (50,79%)	31 (49,21%)	1,05	0,55-2,01	1,0000
	Com ensino superior	91 (59,09%)	45 (49,45%)	46 (55%)	ref		
Período do	1º e 2º	24	3 (12,50%)	21	ref	2,63-32,56	0,0002

curso (ano)		(15,58%)		(87,50%)			
	3º, 4º e 5º	130 (84,42%)	74 (56,92%)	56 (43,08%)	9,25		
Grau de instrução do pai	Sem ensino superior	64 (41,56%)	34 (53,12%)	30 (46,88%)	1,24	0,65-2,35	0,6238
	Com ensino superior	90 (58,44%)	43 (47,78%)	47 (52,22%)	ref		
Pessoas que residem na casa	≤ 4 pessoas*	131 (85,06%)	66 (50,38%)	65 (49,62%)	1,10	0,46-2,69	1,0000
	> 4 pessoas	23 (14,94%)	11 (47,83%)	12 (52,17%)	ref		
Renda mensal familiar	≤ 10 salários mínimos	129 (83,77%)	64 (49,61%)	65 (50,39%)	ref		
	>10 salários mínimos	25 (16,23%)	13 (52,00%)	12 (48,00%)	1,10	0,47-2,59	1,0000
Situação da residência	Própria	127 (82,47%)	65 (51,18%)	62 (48,82%)	1,31	0,57-3,02	0,6717
	Alugada	27 (17,53%)	12 (44,44%)	15 (55,56%)	ref		
Sexo	Feminino	106 (68,83%)	45 (42,45%)	61 (57,55%)	ref		
	Masculino	48 (31,17%)	32 (66,67%)	16 (33,33%)	2,71	1,33-5,53	0,0091

Ref: referência; OR: Odds Ratio; IC: Intervalo de Confiança; *mediana da amostra; *categoria de referência da variável dependente.

Dentre os 154 estudantes, 58,44% apresentaram estresse moderado e grave. Mas não houve evidências de associação entre o CR com o nível de estresse percebido pelos estudantes.

Do total da amostra, 63,64% dos alunos possuíam idade inferior ou igual a 22 anos. Com base na análise, pode-se afirmar que dentre os estudantes da FOP-UNICAMP, há 2,22 vezes mais chance de alunos com mais de 22 anos ter um CR ≤ 0,81 do que aqueles com idade ≤ 22 anos ($p < 0,05$).

Do total da amostra, 84,42% dos alunos são do 3º, 4º e 5º anos. Os alunos do 3º, 4º e 5º anos apresentaram 9,25 vezes mais chance de ter um CR ≤ 0,81 quando comparados com alunos do 1º e 2º anos ($p < 0,05$).

Observou-se também associação significativa entre a variável CR com o sexo ($p < 0,05$). Alunos do sexo masculino tiveram 2,71 vezes mais chance de apresentar um CR ≤ 0,81 do que aqueles do sexo feminino.

DISCUSSÃO:

O ingresso no ambiente universitário apresenta uma série de novos desafios. A entrada dos alunos na universidade os coloca diante de fatores estressantes, geradores de responsabilidades, ansiedade e competitividade. O estudante agora se vê tendo que assumir atividades de alto desempenho, demandando dele a concentração de esforços.

No presente estudo, dos 154 estudantes, 90 (58,44%), apresentaram níveis de estresse de moderado a grave, o que representa um expressivo número de pessoas que se encontram em níveis consideráveis de estresse.

Sendo assim é possível inferir que o ambiente universitário exige destes estudantes novas habilidades que contribuem para o aparecimento do estresse, consolidando o que estudos atuais vêm demonstrando, que os sintomas de estresse vêm sendo cada vez mais recorrente entre graduandos, especialmente dos estudantes do curso de Odontologia. A área da odontologia por si só é extremamente estressante, mesmo quando comparada à de outras áreas da saúde. Isso se aplica a qualquer estágio da carreira, desde estudantes a profissionais já estabelecidos na profissão. Há muitos fatores potenciais de estresse para estudantes e profissionais da área, como fontes de estresse ocupacional, interações diárias que a profissão o coloca (com pacientes, colegas de profissão e funcionários), pressão, tempo de atendimento, problemas com o tratamento e com equipamentos, papelada, dentre muitos outros fatores que fazem parte da rotina clínica. Desde cedo os estudantes são expostos à pressão da profissão, pois atender as necessidades dos tratamentos envolve altas demandas e possíveis conflitos que podem levar

a altos níveis de estresse já na graduação. Além do estresse desencadeado pela atuação clínica desse estudante há a sua adaptação ao ambiente universitário pela mudança curricular, exames frequentes e redução do tempo de lazer (Pohlmann K, Jonas I, Ruf S e Harzer W, 2005).

Ahamed, Abdullah e Hassane (2011) desenvolveram um estudo para verificar se existem diferenças consideráveis entre os sexos no que diz respeito aos níveis de inteligência emocional. Nesse estudo foi constatado que as mulheres têm pontuações mais elevadas na inteligência emocional comparativamente com os homens. O estudo de Nasir e Masrur (2010) solidifica a importância da inteligência emocional no sucesso acadêmico dos estudantes, alegando uma associação positiva com o comportamento adequado na sala de aula que, por sua vez, favorece a aprendizagem. Correlacionando esses dois estudos, podemos compreender que possa haver uma relação entre a inteligência emocional e o sucesso acadêmico. No presente estudo, os graduandos do sexo feminino tendem a ter um melhor CR, ou seja, um melhor desempenho acadêmico.

Dentre os estudantes da FOP-UNICAMP observou-se que há mais chance de um aluno com 22 anos ou menos ter um desempenho acadêmico (mensurado pelo CR) maior quando comparado a alunos mais velhos. Magalhães e Andrade (2006) constataram em estudo que quanto menor for a idade do aluno, mais bem sucedido ele será no primeiro semestre do curso, porém esse coeficiente não foi estatisticamente significativo, com $p > 0,05$.

Silva, Nunes, Queiroz e Lele (2010) em um estudo com objetivo de investigar fatores influenciadores do desempenho acadêmico de uma amostra retrospectiva composta por graduandos de uma Faculdade de Odontologia brasileira, observaram que possuía uma relação entre um melhor desempenho acadêmico com o menor tempo de ingresso na graduação após a conclusão do ensino médio. Assim, fazendo associação com a atual pesquisa, pode relacionar esse entendimento à probabilidade de graduandos da FOP com 22 anos ou menos terem um melhor desempenho acadêmico do que os graduandos acima dessa faixa etária.

Ao analisar a grade curricular da FOP, observa-se que as atividades clínicas começam com maior frequência a partir do 3º ano. Manogue et al. (2001) observaram a falta de consistência e subjetividade em avaliações clínicas. Mossey et al. (2001) apontaram que a avaliação clínica é fundamental para o processo de aprendizagem e listam algumas falhas como a subjetividade do examinador, além do fato de que pacientes apresentam graus diferentes de necessidades e são atendidos por alunos diferentes. Vale ressaltar a importância de uma reflexão sobre os critérios atuais de avaliação do desempenho clínico dos estudantes, por serem subjetivos e variarem de acordo com critérios definidos por cada professor (Gonçalves et al, 2016). Além da subjetividade do processo avaliativo do desempenho clínico desses alunos, há uma maior pressão e um ambiente mais estressante que terão que se adaptar. Já os alunos dos 1º e 2º anos da FOP possuem em quase sua totalidade, provas teóricas e objetivas. Esses pontos elucidam o porquê de alunos do 1º e 2º anos terem mais chance de terem um maior CR quando comparados com alunos do 3º, 4º e 5º anos.

CONCLUSÃO:

Concluiu-se que 58,44% dos estudantes de graduação apresentaram estresse moderado/ grave. Alunos com idade igual e inferior a 22 anos, do sexo masculino e que estão no 3º, 4º e 5º anos tiveram mais chance de ter um Coeficiente de Rendimento acadêmico abaixo ou igual a 0,81.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Bland WH, Melton BF, Welle P, Bigham L. Stress tolerance: New challenges for millennial college students. *College Student Journal*, 46 (2) (2012), pp. 362–375
2. Cohen S, Janicki-Deverts D, Miller GE. Psychological stress and disease. *Journal of the American Medical Association*. 2007, 298(14):1685-1687
3. Hill KB, Burke FJT, Brown J, Macdonald EB, Morris AJ, White DA, Murray K. Dental practitioners and ill health retirement: a qualitative investigation into the causes and effects *Br Dent J*. 2010, 209(5):E8.
4. Hunt J, Eisenberg D. Mental Health Problems and Help-Seeking Behavior Among College Students. *Journal of Adolescent Health*. 2010, 46(1):3–10
5. Hutchinson TL, Goodin HJ. Nursing Student Anxiety as a Context for Teaching/Learning. *J Holist Nurs*. 2013; 31(1):19-24
6. Karaoglu NS, Eker M. Anxiety and depression in medical students related to desire for and expectations from a medical career. *West Indian Med. J*. 2010, 59:196-202.
7. Lipp MEN. Pesquisas sobre stress no Brasil – Saúde, ocupações e grupos de risco. Campinas: Papirus, 1996.
8. Luft CB, Sanches SO, Mazo GZ, Andrade A. Brazilian version of the Perceived Stress Scale: translation and validation for the elderly. *Rev Saúde Pública* 2007;41(4):606-15
9. Lunney M. Coleta de dados, julgamento clínico diagnósticos de enfermagem: como determinar diagnósticos precisos. In: *Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificações 2012-2014 / [NANDA International] Porto Alegre: Artmed; 2013. p.113-33.*
10. Meneghim MC, Kozlowski FC, Pereira AC, Ambrosano GMB, Meneghim ZMAP. Classificação socioeconômica e sua discussão em relação à prevalência de cárie e fluorose dentária. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2007; 12 (2):523-529.
11. Pinder-Amaker S. Introduction Innovative and Collaborative Approaches to College Student Mental Health Challenges. *Harvard Review of Psychiatry*, 2012, 20(4): 171-173
12. Regehr C, Glancy D, Pitts A. Interventions to reduce stress in university students: a review and meta-analysis. *J Affect Disord*. 2013, 148(1):1-11.
13. Teixeira CRS, Kusumota L, Pereira MCA, Braga FTMM, Gaioso VP, Zamarioli CMi, et al. Anxiety and performance of nursing students in regard to assessment via clinical simulations in the classroom versus filmed assessments. *Invest Educ Enferm*. 2014; 32(2): 270-279.
14. Torquato JÁ, Goulart AG, Vicentin P, Correa U. Avaliação do estresse em estudantes universitários. *Ver. Cient. Inter*. 2020; 1(14):140-154.
15. Hamaideh, SH. Stressors and reactions to stressors among university students. *International journal of social psychiatry*, 2011; . 57(1): 69-80.
16. Bukhsh, Q, Shahzad A, Nisa, M. A study of learning stress and stress management strategies of the students of postgraduate level: a case study of Islamia University of Bahawalpur, Pakistan. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 2011; 30(1):182-186.,
17. Silva, TD. O estresse e sua relação com o desempenho acadêmico: um estudo com graduandos de Ciências Contábeis e Administração. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
18. Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Avaliação e frequência [homepage on the internet]. São Paulo: FOP-Unicamp.[acesso em: 2020 abr. 19] Disponível em: <https://www.dac.unicamp.br/portal/vida-academica/graduacao/avaliacao-e-frequencia/>
19. Anelise Hauschild Mondardo & Elisângela Aparecida Pedon (2005), estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários.
20. Pohlmann K, Jonas I, Ruf S e Harzer W. Stress, burnout and health in the clinical period of dental education. *Eur J Dent Educ* 2005; 9: 78–84.
21. Ahammed, Shaima; Abdullah, Abdullah S; Hassane, Sofoh H.. The role of emotional intelligence in the academic success of united arab emirates university students. 2011
22. Maliha Nasir & Rehana Masrur. An Exploration of Emotional Intelligence of the Students of IIUI in Relation to Gender, Age and Academic Achievement. 2010, Vol. 32, No. 1 pp 37-51
23. Koich Miguel, Fabiano; Porto Noronha, Ana Paula. Estudo da relação entre inteligência emocional e estresse em ambientes de trabalho. 2009; 8: 219-228.
24. Magalhães, F.A.C; Andrade, J. X. Exame vestibular, características demográficas e desempenho na universidade: Em busca de fatores preditivos. *Anais... V Congresso USP de Controladoria e Contabilidade*. 10-11 out, São Paulo, SP, 2005.
25. Erica Tatiane da Silva, Maria de Fátima Nunes, Maria Goretti Queiroz, Cláudio R. Lele. Factors Influencing Students' Performance in a Brazilian Dental School. *Braz Dent J* (2010) 21(1): 80-86
26. MANOGUE, M.; BROWN, G.; FOSTER, H. Clinical assessment of dental students: values and practices of teachers in restorative dentistry. *Med Educ.*, v. 35, p. 364-370, 2001.
27. MOSSEY, P. A.; NEWTON, J. P. The Structured Clinical Operative Test (SCOT) in dental competency assessment. v. 190, n. 7, p. 387-390, 2001.
28. GONÇALVES, Patricia Valente Araújo Jacques; PRETTI, Henrique; TEIXEIRA, Karina Imaculada Rosa; MAGALHÃES, Cláudia Silami; MOREIRA, Allyson Nogueira; PEIXOTO, Rogéli Tibúrcio Ribeiro da Cunha. Estratégias para avaliação do desempenho clínico de estudantes de odontologia. *Rev. Docência Ens. Sup.*, v. 6, n. 2, p. 223-246, out. 2016.